



liberaria
edificata
comunemente
ativati
ca
id

Programa de Educação em Células Cooperativas sob o olhar da Psicologia Comunitária

Cooperative Cell Education Program under the eyes of Community Psychology

Lucas Soares Rodrigues
Graduando em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais
lucasrodriguesdm@gmail.com

Viviane José de Freitas
Graduanda em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais.
vivianefreitaspsi@gmail.com

Felipe Resende de Sá
Psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais.
felpesabr@gmail.com

Verônica Moraes Ximenes
Professora Associada no Departamento de Psicologia na Universidade Federal do Ceará
vemorais@yahoo.com.br

RESUMO

A partir de uma visita realizada à Comunidade do Cipó, município de Pentecoste, no Estado do Ceará, este trabalho busca compreender o Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) a partir dos principais conceitos teóricos da Psicologia Comunitária. Observa-se que o PRECE vem se configurando enquanto ferramenta com práxis libertadora, de enfrentamento às condições de pobreza e opressão, de superação do fatalismo, de fortalecimento comunitário, de desenvolvimento de sentimento de comunidade, e como incubadora de iniciativas que possam vir a se configurar em atividade comunitária. Conclui-se que o PRECE é um exemplo de educação libertadora e do poder e força que as comunidades e sujeitos pobres e oprimidos possuem de se organizar e construir suas ferramentas de transformação e libertação.

Palavras-chave: *Psicologia Comunitária. Educação. Libertação. Comunidade. Pobreza.*

ABSTRACT

From a visit to the Community of Cipó, municipality of Pentecostes-CE, this work search to understand the Cooperative Cell Education Program (PRECE) from the main theoretical concepts of Community Psychology. It is observed that the PRECE has been configured as a tool with liberating praxis, coping with the conditions of poverty and oppression, overcoming fatalism, community empowerment, developing community sense, and as an incubator of initiatives that can come to be community activity. It is concluded that the PRECE is an example of liberating education and the power and strength that poor and oppressed communities and individuals have to organize and build their tools of transformation and liberation.

Keywords: *Community Psychology. Education. Liberation. Community Poverty.*

INTRODUÇÃO

A passagem de três estudantes de mobilidade acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela disciplina de Psicologia Comunitária do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), durante um semestre letivo, e o encontro desses com a professora da disciplina, bem como as vivências que daí puderam vivenciar, levaram a produção deste trabalho. O objetivo desse é realizar um relato de experiência de uma visita feita à Comunidade do Cipó, que está distante 18 km da sede do município de Pentecoste-CE, que será analisada pelas lentes dos conceitos chaves da Psicologia Comunitária. A visita teve como fim propiciar aos estudantes da disciplina o contato com a realidade do sertão do Ceará, experiência pela qual pudessem visualizar os conceitos de Psicologia Comunitária trabalhados em sala de aula.

A Comunidade do Cipó fica em torno de 103 km Fortaleza e 18 km de Pentecoste (Barbosa, 2016), no caminho de Fortaleza até lá é notável a mudança até mesmo de vegetação e o quanto a seca se faz presente nessa região, o que deu tom de realidade aos vários relatos sobre a seca. Foi possível perceber que em todas as casas há cisternas, é possível que se elas não tivessem sido construídas, provavelmente a população dessa região estaria mais vulnerável, ou mesmo tivesse se mudado de lá, tendo em vista a seca do açude que abastece a região. Observa-se quão simples são muitas das casas, ainda de barro, havendo também casas de alvenaria; é visto também que a população dessas zonas rurais cria caprinos ao invés de gado (que é a opção de Minas Gerais), muito provavelmente pela carência de água e pastagem.

Ao chegar à comunidade do Cipó, as atividades ocorreram em visita à estrutura do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE), fundado em 1994 por sete moradores de Cipó com o fim de estudarem juntos, a partir do convite do Prof. Manuel Andrade (docente da UFC e natural do Cipó) e contando com a ajuda do mesmo. O PRECE têm características de educação sociocomunitária e do campo, auxilia jovens de origem popular a acessar o Ensino Superior (Barbosa, 2016) “funcionando como espaço para uma formação educacional e cidadã” (Barbosa, 2016, p.50). Desde sua criação, se espalhou pela região na forma de Escolas Populares Comunitárias (EPC's) do Instituto Coração de Estudante, possuindo ainda parcerias com a UFC, sendo “cadastrado no ano de 1998 na Pró-reitoria de extensão da UFC como um projeto com finalidades também de fortalecer a extensão universitária que era desenvolvida pelos estudantes” (Barbosa, 2016, p.50), e com Governo do Estado do Ceará (Barbosa, 2016).

A estrutura visitada é também o local de origem do PRECE, e conta com salas de estudos, quartos, banheiros, cozinha, varandas e até horta comunitária, onde há o cultivo de hortaliças e frutas. Foram realizados espaços de conversa com o Prof. Andrade e com três “precistas”, como são

chamados os/as integrantes do PRECE, Leandro (estudante da UFC; nome fictício), Juliana (formada em Letras e professora de uma escola da região; nome fictício), e Almir (estuda no PRECE para o ENEM; nome fictício).

Após a chegada à comunidade, o espaço de conversa foi iniciado ouvindo os relatos de Juliana e de Leandro, que foram falar sobre o programa e suas passagens por ele. Juliana é formada em Letras e Leandro atualmente está no quarto período do curso de Engenharia Ambiental, ambos na Universidade Federal do Ceará. Os dois são ex-alunos do PRECE e hoje colaboram com as atividades do programa. Durante o relato dos dois, foi possível perceber um grande apreço, tanto pela comunidade quanto pelo programa, e também uma grande vontade de colaborar para a continuidade do programa e para uma melhor qualidade de vida para os moradores da região. Atualmente, Juliana dá aulas para os alunos do programa e Leandro atua em um projeto de extensão intitulado “Comunidade Limpa”, que visa conscientizar e sensibilizar os moradores da região a levarem o lixo domiciliar para os pontos de coleta ao invés de descartar em locais inapropriados.

REFLEXÕES SOBRE AS CATEGORIAS SENTIMENTO DE COMUNIDADE E ATIVIDADE COMUNITÁRIA

Pelos relatos ouvidos durante a visita ao PRECE foi possível perceber algumas categorias relacionadas ao enfrentamento da pobreza (Moura Jr, Cidade & Ximenes, 2014), como: otimismo para o futuro (esperança em concluir o ensino superior e poder contribuir tanto no âmbito familiar quanto no âmbito comunitário), apoio social percebido (solidariedade entre os membros do programa e os moradores da comunidade em geral) e sentimento de comunidade (pertencimento ao lugar).

Por outro lado, a questão da dificuldade financeira ficou bastante evidente na fala do precista Leandro, que relatou que à época em que manifestou o desejo de entrar para a universidade, sua família se mantinha financeiramente graças ao auxílio do Bolsa-Família. Além disso, a ausência de políticas públicas - saneamento, coleta frequente de lixo, serviços básicos de saúde, entre outros - ficou muito clara, pelo menos de acordo com o que foi possível observar durante a visita.

A categoria que ficou mais evidente durante a visita à comunidade do Cipó - pelo menos no que tange ao PRECE e àqueles que dele fazem parte - se refere ao Sentimento de Comunidade, termo definido como sendo

Um sentimento de pertença que os membros possuem, de que os membros se preocupam uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem unidos. (McMillan & Chavis, 1986 citado por Amaro, 2007, p. 25)

O Sentimento de Comunidade identificado no apreço com a comunidade e com as pessoas que dela fazem parte a partir do relato do Almir, que atualmente é aluno do PRECE e deseja fazer vestibular para o curso de Medicina Veterinária com o intuito de retornar para a comunidade após formado e poder colaborar de alguma forma com a comunidade. Almir relatou já ter morado em Fortaleza, inclusive chegou a jogar no time de futebol da cidade, mas que realmente se sente bem e em casa quando está na comunidade do Cipó - “aqui todo mundo se conhece, eu posso ficar na rua até tarde sem medo de acontecer algo ruim”, disse ele.

Vale citar também o relato do fundador do PRECE, Manoel Andrade, que é professor universitário e que, apesar de ter ido morar com os avós em Fortaleza quando era criança, sempre fez questão de retornar à comunidade devido aos laços afetivos que tem com as pessoas e com o lugar em si. Andrade disse que, apesar de ter saído da comunidade para ir estudar na capital, nunca esteve à vontade em outro lugar que não fosse à comunidade do Cipó: “posso ter saído para viver em outros lugares, mas sempre volto pra cá, pois minhas raízes continuam fixadas aqui nesse lugar, é aqui que eu sou feliz”, disse ele.

O conceito de Atividade Comunitária também esteve presente nos relatos. De acordo com Góis (2005)

Atividade comunitária é a atividade prática e coletiva realizada por meio da cooperação e do diálogo em uma comunidade, sendo orientada por ela mesma e pelo significado (sentido coletivo) e sentido (significado pessoal) que a própria atividade e a vida comunitária têm para os moradores da comunidade (...) se dirige não somente para o desenvolvimento da autonomia da gestão coletiva e competência na resolução de problemas, mas também para a realização dos motivos pessoais e comunitários. (p. 89)

Pelo que foi observado durante a visita à comunidade do Cipó e através dos relatos ouvidos, pode-se considerar o PRECE como uma atividade comunitária, pois o programa tem como foco o desenvolvimento da comunidade, atendendo demandas coletivas, oportunidade de os estudantes da região de terminarem o ensino médio e entrarem para o ensino superior, e individuais, em que os participantes poderem realizar suas aspirações pessoais e profissionais. Além disso, envolve cooperação, participação, diálogo e engajamento entre os membros da comunidade.

Nota-se também que o PRECE possui potência para gerar projetos e iniciativas que possam vir a se configurar como atividade comunitária, como é o caso da iniciativa “Comunidade Limpa”, desenvolvida pelo preceista Leandro. Tal iniciativa propõe conscientizar os habitantes da comunidade acerca dos malefícios que o descarte de lixo inapropriado pode acarretar e estimular o descarte do lixo domiciliar em pontos de coleta apropriados construídos pelo projeto. Esse projeto possui o potencial de unir a comunidade visando sua melhoria e agindo em demandas coletivas, como a melhoria da qualidade dos recursos naturais comuns com a retirada de poluentes, e em demandas individuais, como a menor probabilidade de contágio de doenças e o acesso a recursos naturais sem poluição para o

o trabalho e consumo próprio.

Outro equipamento do PRECE que tem potencial de se tornar atividade comunitária é a horta que existe na sede do programa. A atividade comunitária possui uma complexa interação de uma dimensão instrumental, que diz respeito ao uso de ferramentas para ação objetiva, que vão desde enxadas e pás, até a elaboração de projetos e desenvolvimento de técnicas complexas (Góis, 2005). A segunda dimensão da atividade comunitária, a dimensão comunicativa, que “compreende o diálogo, a expressão de sentimentos e a cooperação entre os moradores, no intuito de alcançar os objetivos da atividade comunitária e favorecer o desenvolvimento de relações sociais da comunidade” (Góis, 2005, p. 88).

A horta conta com o cultivo de frutas, verduras e legumes e toma boa parte do terreno no qual se situa o PRECE. Entende-se que a horta tem potencial, em primeiro lugar, por ser a agricultura uma atividade já comum às comunidades rurais, variando, obviamente, o tipo de cultura e a centralidade da atividade. Dessa forma já existe uma dimensão instrumental presente, os sertanejos sabem trabalhar com a terra e com o plantio. Com a proposta de desenvolver uma horta comum, tal dimensão instrumental, por exemplo, pode ser desenvolvida e os sertanejos podem compartilhar as técnicas que tem conhecimento, e agentes externos convidados pelo PRECE podem trazer novas técnicas para conhecimento da comunidade; os alimentos produzidos podem ser compartilhados, ou mesmo esses podem ser vendidos e a renda pode ser compartilhada ou investida em alguma iniciativa comum, ou para auxílio de famílias mais carentes da comunidade, entre outras finalidades. Essas são algumas possibilidades levam a crer que a horta possui potencial para se configurar uma atividade comunitária, atendendo a demandas individuais e coletivas.

A MANIFESTAÇÃO E A SUPERAÇÃO DO FATALISMO

Os primeiros estudos sobre o fatalismo partiram de uma inquietação do psicólogo Martín-Baró frente aos estudos que apontavam a atitude fatalista como parte da identidade estrutural do caráter latino-americano (Ximenes & Góis, 2010). Podemos entender o fatalismo como um fenômeno psicossocial que

Engendra comportamentos, ideias e sentimentos de modo a permitir que os sujeitos reajam aos conseqüentes esforços de mudar o curso da vida. No imaginário dos indivíduos, são formulados conjuntos de leis, justificativas e modelos explicativos com o interesse de dar conta de uma realidade, que parece ser impossível de ser transformada após inúmeros investimentos fracassados. (Cidade & Ximenes, 2012, p. 81)

Por esse mecanismo, o sujeito, em especial em situação de pobreza, atribui a situação a qual está submetido, bem como o seu futuro, às for-

ças divinas ou ao destino, naturalizando assim o contexto de pobreza e opressão. Pelas falas dos convidados visualiza-se que há a presença desse fenômeno em suas famílias, um exemplo vem do relato de Leandro que fala dos conflitos que teve com sua mãe, pois optou por estudar no PRECE ao invés de trabalhar. Segundo Leandro, sua mãe não acreditava que estudar podia lhe oferecer um futuro melhor e que era necessário que ele trabalhasse para garantir renda à sua família. A desesperança da mãe pode ser um sinal de fatalismo, pois sugere que ela crê que o destino do filho é o trabalho, talvez até aposte que alguma melhora de vida só virá por este caminho, mesmo que não seja uma mudança estrutural. Todavia, a opção de Leandro em ingressar no PRECE nos leva a crer que esse representou um instrumento de possibilidade de transformação de sua vida. A atitude de ingressar no PRECE é, assim, uma atitude de superação do fatalismo.

O fortalecimento, considerado uma categoria de análise psicossocial, pode ser encontrado quando há uma superação do fatalismo, ou seja, quando as pessoas da comunidade começam a acreditar que o poder de mudança pode vir delas mesmas e que não precisam esperar agentes externos para intervir no seu próprio contexto, mesmo que, por vezes, agentes externos aparecem como contribuidores do processo de fortalecimento. Isso só é possível quando os integrantes da comunidade se tornam atrizes e atores de sua própria história e agem sobre a realidade de forma participativa, tomando o controle das situações e das decisões acerca da comunidade (Montero, 2003), pensando no bem-estar coletivo e individual de cada um e cada uma.

Como já relatado, o PRECE surgiu através de uma iniciativa do prof. Manoel Andrade que convidou sete jovens a estudar de forma coletiva e colaborativa em grupos de estudo, já que as escolas na cidade não tinham o ensino completo e muitas vezes os estudantes tinham que recorrer ao ensino supletivo. Além disso, não havia nenhum outro tipo de curso preparatório para universidades, colégios de ensino técnico ou mesmo para o ensino supletivo. O sucesso de um deles ao passar no vestibular serviu como incentivo para que outras pessoas da região pudessem acreditar que isso é possível, através do esforço de membros da própria comunidade que ajudavam uns aos outros e assim outras pessoas se aproximaram do projeto. Se o caso da mãe de Leandro conforme relatado, representa uma manifestação do fatalismo, as experiências exitosas através do PRECE mostraram à Leandro que é possível um caminho diferente, levando-o a romper com o ciclo do fatalismo; ou seja, as experiências exitosas levam novas pessoas a se engajarem e construir novos caminhos e objetivos, seja se formar no ensino médio ou ingressar em uma universidade.

Muitos estudantes já conseguiram ingressar em uma universidade ou até mesmo já se formaram. Através da forma como o PRECE é estruturado, onde aquela/e estudante que sabe mais sobre alguma matéria ajuda o outro, foi possível manter o projeto vivo. Pode-se perceber a influência da fenomenologia enquanto a postura de ver as pessoas como seres ativos

e com potencialidades, capazes de construir sua realidade (Montero, 2004). Onde uma tem dificuldade para aprender, outra que sabe um pouco mais a ajuda para que seu aprendizado seja facilitado.

Além disso, o modelo de ensino e educação utilizado no PRECE se diferencia do modelo tradicional “bancário” e nos remete ao modelo da Educação Popular, que foi experienciado e proposto pelo pedagogo brasileiro Paulo Freire como uma prática libertadora. Essa concepção da educação chamada de “bancária” é vista como uma prática opressora e recebe tal nome por considerar os educandos como “depósitos” dos educadores (Freire, 1987). Nessa visão, os educadores seriam seres detentores de todo o conhecimento e os estudantes seriam apenas receptores da mensagem dos professores, onde “em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (Freire, 1987, p. 33). No PRECE, nem sempre são professores formados que dão as aulas ou monitorias. Os “precistas” que estão na universidade como é o caso de Leandro retornam para ajudar os atuais e os próprios estudantes ajudam uns aos outros. Estes participam de maneira ativa na construção do seu conhecimento, sugerindo conteúdos a serem estudados, montando coletivamente seu próprio plano de estudos e participando do planejamento de projetos dentro do PRECE ou em sua comunidade.

Paulo Freire considera a educação como um ato libertador, pois através dela as pessoas podem se aproximar de forma crítica da realidade (Freire, 1979) e denunciá-la, propondo mudanças. Tal aproximação acontece mediante o processo de Conscientização, onde através da educação é possível desenvolver de forma crítica a tomada de consciência e, de forma dialética, se ver na realidade onde está inserido e ser capaz de transformá-la de forma ativa (Freire, 1979). Assim, “a educação popular atua, portanto, para transformar sujeitos ativos, sujeitos de práxis coletivas transformadoras e libertadoras” (Oliveira, Ximenes, Coelho & Silva, 2008, p.151).

A Educação Popular contribui para o fortalecimento das/os integrantes dessa comunidade que participam do projeto, pois, através da ação e de acordo com seu contexto, se fortaleceram à medida em que viram que poderiam estudar sem depender de políticas públicas, criando sua própria forma de ensino e estudos, ao mesmo tempo em que fortalecem a comunidade dando continuidade ao projeto, sempre trazendo mais pessoas para participar e construindo outras iniciativas, como o projeto “Comunidade Limpa”.

O PRECE COMO PRÁXIS LIBERTADORA

A consolidação da Psicologia Comunitária desenvolvida no âmbito do Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) da Universidade Federal do Ceará bebe de cinco grandes marcos teórico-metodológicos, sendo eles: a Teoria Rogeriana, a Biodança, a Psicologia Histórico-Cultural, a Educação Popular, e, por fim, a Psicologia da Libertação (Ximenes & Góis, 2010). Como um todo, a Psicologia Comunitária é entendida como uma área da Psicologia Social da Libertação (Góis, 2005) e, sem dúvidas, uma práxis libertadora é encontrada em todas essas cinco grandes influências.

Como mostra Guareschi (2009), o conceito de libertação foi forjado num contexto específico de dominação e pobreza sob qual vivia – e ainda vive – a América Latina; o conceito se fez presente na Teologia, na Filosofia, na Pedagogia – através da Educação Popular de Paulo Freire – e na Psicologia da Libertação de Martin-Baró. Guareschi (2009) afirma que o conceito foi construído por práticas e possui hoje três pressupostos, sendo: a existência indispensável de uma ética, a superação da dicotomia entre social e individual e a superação da dicotomia entre teoria e prática. É a partir desses três pressupostos que buscamos compreender o PRECE como uma práxis libertadora.

Inicia-se a análise a partir deste primeiro elemento, existência indispensável de uma ética. Guareschi (2009) defende que toda “ação corresponde a uma ética” (p.59) afirmando ainda que “a ética da modernidade nada mais era do que o cientificismo, o pragmatismo” (p.59). De forma diferente funciona a ética da Libertação, pois essa faz referência a algo valorativo, identificando as realidades negativas e propondo sua superação, ou seja, a libertação dessas realidades. Não pode ser diferente, visto que

O próprio contexto histórico em que o conceito de “libertação” surgiu, já remete a uma dimensão ética. Esse conceito originou-se de uma situação latino-americana de morte, de desespero, de subdesenvolvimento, de doenças, de mortalidade infantil, no qual havia uma situação de indignidade, de algo que agride o ser humano. (Guareschi, 2009, p.59)

Da mesma forma, há de se olhar para o contexto político, econômico e social onde surgiu o PRECE. Primeiramente deve-se ter um olhar continental, entendendo que a comunidade do Cipó está inserida no Brasil e na América Latina, compartilhando com o resto desta uma situação de exploração a que a região foi submetida historicamente. Deve-se considerar também que comunidades rurais, em especial do Ceará, viveram e ainda vivem sob um contexto de pobreza e exploração, onde os aparatos de saneamento básico, de educação, entre outros, são sucateados ou inexistentes. Se hoje ainda se mantém esse contexto de exploração, ele era ainda mais intenso na década de 1990 quando o PRECE surgiu. Esse é o elemento inicial que leva a ver o PRECE como práxis libertadora: ele surge em um contexto de pobreza e opressão, e surge afirmando que um futuro diferen-

te é possível. Possui assim, desde o início, uma ética libertadora, um compromisso em superar e interromper o ciclo de manutenção da pobreza e da opressão.

O segundo aspecto diz respeito ao primeiro pressuposto, a superação da dicotomia entre individual e social. Muitas das teorias que foram desenvolvidas durante o século XX apontavam como as raízes da pobreza e do subdesenvolvimento de nações, como as da América Latina, residiam nas variáveis psicológicas das pessoas ou na indisposição dessas para acolher os valores das nações desenvolvidas, ou seja, a raiz da pobreza social estava nos indivíduos (Guareschi, 2009). O que é contrário é com as perspectivas que adotam o conceito de Libertação, pois com este

A explicação não é mais individualizante e psicológica, é relacional e social, Por isso 'libertação', no entender dos que empregavam esse conceito, implicava sempre libertação de alguma coisa; o pressuposto era de que havia uma rede de relações que causavam o oposto da libertação, que era a opressão, a dominação. (Guareschi, 2009, p.56)

Entendendo que há uma rede de relações que causam a opressão, da mesma forma há de se construir uma rede de relações que levarão à libertação. Ao propor que os estudos sejam feitos de maneira cooperativa, o PRECE propicia para o conjunto dos estudantes “precistas” a construção coletiva do conhecimento. O estudo cooperativo é ainda mais libertador e revolucionário, pois os estudantes estão se preparando para o ENEM, que é um processo de competição baseado na meritocracia. Os estudantes do PRECE superam essa ética da competitividade e visam entrarem juntos na universidade; como foi ressaltado em vários momentos pelos “precistas”, quando um passa na universidade ele quer também que o outro passe, e mesmo que este outro não passe o estudante que passou irá ajudá-lo para que passe numa próxima tentativa. O interesse de retorno do estudante que ingressou na Universidade para atuar no PRECE representa um compromisso com essa construção coletiva acima dos interesses individuais tão difundidos pela educação com ética para a competição. Essa construção coletiva é tanto do PRECE, enquanto instrumento e quanto, em certa forma, dos caminhos coletivos para superação do contexto de pobreza e opressão.

Ao tratar do terceiro pressuposto da Libertação, a superação da dicotomia entre teoria e prática, Guareschi (2009) afirma que a teoria é como a luz, não se pode vê-la em si e sim o que é por ela iluminado; da mesma forma é a teoria, ela não fornecerá os elementos para compreensão da realidade sem que esta seja produto e produtora de uma prática. Esse é o terceiro elemento que coloca o PRECE como um práxis libertadora, a própria práxis em si, ou seja, a superação da dicotomia entre teoria e prática. As raízes do PRECE estão num grupo de pessoas que se reuniram em 1994 para estudar para o supletivo e o vestibular, um ajudando o outro no que era melhor, contando ainda com a ajuda do professor Manoel Andrade nos fins de semana, ou seja, não havia a princípio uma teoria que prescrevia a

metodologia utilizada pelo PRECE.

POSSÍVEIS ATUAÇÕES DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

Não se pode crer que a longevidade que o PRECE tem e a forma pela qual se multiplicou desde o seu início não se devem ao acaso, pois os atores envolvidos são muito bem organizados. É notável um alto índice de autonomia, estando bem avançados nesse quesito. Evidentemente possuem contradições, e talvez nesses pontos a Psicologia Comunitária pudesse atuar como agente facilitadora. O professor Manoel Andrade relatou, por exemplo, duas contradições: certa dependência que o PRECE tem dele; e que alguns estudantes das EPC's veem essas como um simples cursinho pré-vestibular.

Para o primeiro aspecto, o psicólogo comunitário poderia facilitar espaços junto aos sujeitos que a comunidade identifica como líderes com o intuito de promover reflexões das questões que levaram a tal dependência e os caminhos para superá-la. Para o segundo aspecto, poderiam ser facilitados, nas EPC's, espaços de fortalecimento de sentimento de comunidade e de coletividade, identidade de grupo, etc.

Faz-se necessário ressaltar que as sugestões acima são ilustrativas, pois para que seja possível traçar um plano de intervenção, o psicólogo comunitário tem de se inserir no contexto (através de visitas, reuniões, etc), logo após intensificar sua inserção (com ciclos de cultura, reuniões, etc) e em seguida planejar também seu desligamento progressivo, diminuindo seu papel e permitindo que os grupos continuem funcionando de forma autônoma (Ximenes & Moura Jr., 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se importante ressaltar que a iniciativa de promover este tipo atividade de campo em uma disciplina obrigatória é extremamente potente, fortalece o vínculo indissociável entre o ensino e a extensão, promove interlocução entre as aulas teóricas e a realidade social, além de oferecer um contato real com as condições de vida do sertão cearense, bem como da capacidade da/o sertaneja/o em transformar sua realidade. A ida a campo e o contato direto com contextos reais fizeram com que o aprendizado seja mais rico e memorável, pois acreditamos que as diversas realidades transcendem as teorias. Vale ressaltar também que a visita foi imensamente facilitada pelas/os integrantes do PRECE, que prepararam a refeição da turma e a acolheu calorosamente. Da mesma forma, a UFC disponibilizou um

ônibus para a atividade, o que facilitou em muito a chegada à comunidade. Também foi de grande ajuda o fato de a visita ter sido toda planejada e acompanhada pela professora e por uma mestrande em Psicologia, que realizava estágio em docência do ensino superior.

Por fim, esse trabalho aponta que o PRECE é uma grande ferramenta de transformação da realidade, capaz de atender demandas individuais e coletivas, se configurando em um meio de superação do fatalismo e de fortalecimento comunitário, seja através da educação, em células cooperativas, ou da capacidade que tem de incubar iniciativas outras, como por exemplo o trabalho “Comunidade Limpa”.

O PRECE, que nasceu da união de sete sertanejas/os e um sertanejo professor, cresceu para além dos limites da comunidade do Cipó através das EPC's em outras comunidades de Pentecoste, possuindo parcerias com a UFC e o Governo do Estado do Ceará. É um exemplo de educação libertadora e do poder e da força que as comunidades e sujeitos pobres e oprimidos possuem de se organizar e construir suas ferramentas de transformação e libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaro, J.P. (2007) Sentimento Psicológico de Comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica*, 1(25), 25-33. Recuperado de: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v25n1/v25n1a04.pdf>
- Barbosa, M.S. (2016) Relações entre os valores do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) e os Valores Humanos de seus participantes. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Recuperado de http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21860/1/2016_dis_msbarbosa.pdf.
- Cidade, E & Ximenes, V. (2012) As manifestações do fatalismo de jovens em condições de pobreza no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicología Social* Ignacio Martín-Baró, 1(1), 80-102. Recuperado de http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/18302/3/2012_art_vmximenes.pdf.
- Freire, P. (1987) *Pedagogia do oprimido*. (17a. Ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1979) *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. (2a. Ed.). São Paulo: Cortez & Moraes.
- Góis, C. W. (2005) Atividade Humana. In: C, Góis. *Psicologia Comunitária: atividade e consciência*. (p. 75-90). Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire.
- Guareschi, P. (2009). Pressupostos epistemológicos implícitos no conceito de Libertação. In R. Guzzo & F. Lacerda Jr. (Org.). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. (pp. 49 -64.) Campinas, SP: Editora Alínea.
- Montero, M. (2004) Influencias y desarrollos teóricos en la psicología comunitaria. In: M. Montero. *Introducción en la psicología comunitaria* (pp.115-142). Buenos Aires: Paidós.
- Montero, M. (2003). El fortalecimiento en la comunidad. In: M. Montero. *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tension entre comunidad y sociedad*. (pp.59-92). Buenos Aires: Paidós.
- Moura Jr, J; Cidade, E; Ximenes, V. & Sarriera, J. (2014). Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial. *Temas psicol.* [online], 22(2), 341-352. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200007
- Oliveira, F; Ximenes, V. Coelho, J. & Silva, K. (2008) *Psicologia Comunitária e Educação Libertadora*. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, 10(2), 147-161. Recuperado de http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_10_numero_2/Psicologia_10_2-ok_artigo11.pdf
- Ximenes, V. & Moura Jr., J. (2013).. *Psicologia Comunitária e comunidades rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária*. In J. Leite & M. Dimenstein (Orgs.). *Psicologia e Contextos rurais*. (pp.453-476). Natal, RN: EDUFERN.
- Ximenes, V. & Góis, C. (2010) *Psicologia Comunitária – uma práxis libertadora latino-americana*. In R. Guzzo, R. & F. Lacerda Jr. *Psicologia e Sociedade: interfaces no debate da questão social*. (pp. 45-64.). Campinas: Alínea Editora.